



Neurose, psicose, perversão

Obras incompletas de Sigmund Freud

Autor: Sigmund Freud

Tradutora: Maria Rita Salzano Moraes

Editora: Autêntica, Belo Horizonte, 2016, 361 p.

Resenhado por: Hang-Ly H. Ikegami Rochel¹

Esta nova tradução das obras de Freud diretamente do alemão já de saída se distingue das demais por seu provocativo título *Obras incompletas de Sigmund Freud*. Os coordenadores desta edição afirmam que o termo *obras completas* traz em si um caráter apaziguador do qual o leitor deve desconfiar; ao mesmo tempo, atribuem um estranhamento às taxionomias já consagradas, “que incluem e excluem obras do cânone freudiano”, discordando da tradicional divisão em “publicações pré-psicanalíticas, artigos metapsicológicos, escritos técnicos, textos sociológicos, casos clínicos, outros trabalhos” etc. (p. 351).

Ao final de cada texto, e não no início como tem sido o costume, esta edição criou uma seção para comentários e notas que o situam no tempo e ao longo do pensamento de Freud – com termos que Freud citava de maneira mutante, questões de tradução, notas explicativas –, além de sugerir escritos de outros autores como pesquisa sobre o tema do texto em questão.

O presente volume, *Neurose, psicose, perversão*, reúne trabalhos seminais do pai da psicanálise, que cobrem trinta anos de sua fértil produção. Estão agrupadas suas cartas e manuscritos dirigidos a Fliess, como o “Manuscrito H”, o “Manuscrito K”, a “Carta 112 (52)”, a “Carta 139 (69)” e a “Carta 228 (125)”. Também fazem parte deste volume: “Sobre o sentido antitético das palavras” (1910), “Sobre tipos neuróticos de adoecimento” (1912), “Comunicação de um caso de paranoia que contradiz a teoria psicanalítica” (1915), “Luto e melancolia” (1917), “‘Bate-se numa criança’: contribuição para o estudo da origem das perversões sexuais” (1919), “Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina” (1920), “Sobre alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e na homossexualidade” (1922), “Uma neurose demoníaca no século XVII” (1923), “O declínio do complexo de Édipo” (1924), “Neurose e psicose”

¹ Membro efetivo e analista didata do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas (GEPCampinas) e membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

(1924), “A perda da realidade na neurose e na psicose” (1924), “O problema econômico do masoquismo” (1924), “A negação” (1925) e “Fetichismo” (1927).

Essa maneira de agrupar esses trabalhos procura destacar a evolução do pensamento de Freud com relação à neurose, à psicose e à perversão, evidenciando um cientista e pensador à frente de seu tempo, mesmo se considerarmos os dias de hoje. Como exemplo, no que diz respeito à necessidade comum de saber sobre a origem imediata das doenças, se sua natureza é orgânica ou exógena, a perspectiva freudiana é moderna e ousada:

A psicanálise nos advertiu a abandonarmos a infecunda oposição entre os fatores externos e internos, entre destino e constituição, e nos ensinou a encontrar a causação do adoecimento neurótico regularmente em uma determinada situação psíquica que pode se produzir por diversos caminhos. (p. 79)

Nesse sentido, Freud já estruturava aquilo que veio a chamar de *série complementar*.

Abrem este volume o “Manuscrito H” (1895), intitulado “Paranoia”, e o “Manuscrito K” (1896), intitulado “As neuroses de defesa (conto de fadas natalino)”. Eles contêm as ideias iniciais de Freud com relação aos mecanismos de defesa, destacam o papel da sexualidade e abordam o tema da escolha da neurose.

Em seguida, aparece a famosa “Carta 112 (52)”, de 1896, uma das mais importantes, na qual Freud já esboçava a teoria do aparelho psíquico, que vem a desenvolver mais tarde. Nessa carta, fica claro o interesse do autor em articular seu pensamento clínico-nosográfico – ao diferenciar histeria, neurose obsessiva, paranoia e perversão – com a questão tópica.

Completam a seleção a “Carta 139 (69)”, de 1897, na qual Freud abandona sua teoria da sedução e reavalia as relações entre histeria e perversão, e a “Carta 228 (125)”, de 1899, em que esboça os diferentes modos de adoecimento, o que será retomado em 1912.

“Luto e melancolia”, entre os textos selecionados para este volume, é mais um dos textos clássicos da obra freudiana. Nele, Freud discute como chegou a pensar a melancolia como uma afecção do narcisismo, depois de ter apresentado seu trabalho “Introdução ao narcisismo” (1914). Ele percebe que não se pode colocar a melancolia como uma psicose nem como uma simples neurose. Cria, então, uma terceira modalidade: a melancolia é uma neurose narcisista.

Desaparece a dualidade empobrecedora neurose-psicose. Nem simplesmente neurose, nem simplesmente psicose, mas uma maneira de estar no mundo sem a reclusão do louco, sem o repúdio radical à realidade externa, como também sem a

entrega e a submissão aos imperativos do Outro. Ao abrir espaço para uma neurose narcisista, uma fronteira estava sendo abalada, e uma inquietação surgia. (Peres, 2011, pp. 128-129)

Nesse trabalho, Freud utiliza, de início, um paralelo entre o luto normal e a melancolia, mas logo vai diferenciando um tema do outro com base na observação rigorosa de sua clínica, de suas próprias vivências e da leitura dos clássicos. Ele nos surpreende com suas observações: demonstra que, no luto, o enlutado sabe o que perdeu, ele sofre uma perda real; na melancolia,

o doente sabe qual é a perda que [a] ocasionou, na medida em que ele, na verdade, sabe *quem*, mas não sabe *o que* perdeu nele. Isso nos levaria, de alguma forma, a ligar a melancolia com uma perda de objeto que foi subtraída da consciência, diferentemente do luto, no qual não há nada inconsciente no que se refere à perda. (p. 102)

O melancólico mostra ainda um grande rebaixamento da autoestima do eu. No luto, o mundo se tornou pobre e desinteressante; na melancolia, é o próprio eu que se esvaziou.

Na melancolia, quando ocorre a perda de uma pessoa amada, por exemplo, por real ofensa ou decepção, a resposta não é uma resposta normal, não há a busca de um substituto. A libido retorna ao eu, e uma identificação com o objeto perdido ocorre, ou seja, “a sombra do objeto cai sobre o eu” (p. 107), de acordo com a feliz e famosa frase de Freud. Assim, o objeto abandonado transforma-se em uma perda do eu, e o conflito com a pessoa amada perdida, em uma cisão entre a crítica do eu e o eu modificado pela identificação.

Entre outras coisas, esse ensaio traz pela primeira vez o conceito que irá marcar muito fortemente a psicanálise: o conceito de relação de objeto (*Objektbeziehung*), que Melanie Klein tão bem passa a utilizar para compor toda a sua teoria das posições e das relações de objeto.

Não escapa a Freud a ligação entre a melancolia e o sadismo resultante do retorno do investimento amoroso, que deixa o objeto. Com isso, pode concluir que o eu só se mata se, com o retorno do investimento de objeto, ele tratar a si mesmo como objeto e puder dirigir a si mesmo a hostilidade que vale para o objeto. Dessa forma, pode-se dizer que o suicídio do melancólico, na verdade, esconde um assassinato do outro.

Para abordar a questão da perversão na obra de Freud, esse volume agrupa os ensaios: “Bate-se numa criança: contribuição para o estudo da origem das perversões sexuais”, “Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina”, “O problema econômico do masoquismo” e “Fetichismo”. Nesses estudos, Freud busca compreender a psicogênese das perversões, do

masoquismo e do fetichismo, demonstrando que tais configurações mentais do adulto encontram sua origem na sexualidade infantil e que estão relacionadas com objetos de amor incestuosos da criança, com seu complexo de Édipo. Quanto ao masoquismo, Freud retoma a questão trazida em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) de que o masoquismo se origina de um retorno do sadismo contra a própria pessoa. Mas, em “Bate-se numa criança”, ele acrescenta a influência da consciência de culpa, que contribui para a repressão e força a organização a uma regressão à fase sádico-anal do desenvolvimento. Essa consciência de culpa está relacionada a uma instância moral crítica (supereu), que se opõe ao resto do eu. Aqui o masoquismo ganha um alcance metapsicológico mais amplo, já com o conceito de pulsão de morte introduzido em *Além do princípio do prazer* (1920): discute-se, por exemplo, como entender a tendência masoquista na vida libidinal se o aparelho psíquico procura evitar o desprazer e obter o prazer.

Em “Neurose e psicose” e em “A perda da realidade na neurose e na psicose”, Freud procura evidenciar os mecanismos específicos da psicose e quais as diferenças entre neurose e psicose. Ele discute neurose e psicose incorporando a nova apresentação do aparelho psíquico em três instâncias: o isso, o eu e o supereu. De início, Freud enfatiza as diferenças; num segundo momento, atenua um pouco essas oposições.

Como na psicose, também na neurose a realidade é perdida, sendo mais grave, porém, na psicose. Os mecanismos psíquicos subjacentes são diferentes, assim como o resultado dos precipitados psíquicos: na neurose, a fantasia; na psicose, o delírio. É importante destacar que Freud opõe neurose e psicose com relação ao modo pelo qual ambas lidam com a negativa (*Verleugnung*), mecanismo em geral associado à perversão: “a neurose não recusa a realidade, apenas não quer saber nada sobre ela; a psicose a recusa e procura substituí-la” (p. 282).

“A negação”, essa pequena obra-prima, tornou-se um dos artigos fundamentais da teoria psicanalítica. Trata-se de um ensaio complexo, ousado, conciso – o que pode esconder sua real densidade (Safatle, 2014) –, que incorpora as últimas descobertas de Freud (pulsão de morte e segunda tópica). A negação de que fala Freud revela como

um conteúdo de representação ou de pensamento recalçado pode abrir caminho até a consciência, sob a condição de que seja *negado*. A negação é uma maneira de tomar conhecimento do recalçado; na verdade, é já uma suspensão do recalçamento [*Verdrängung*], mas evidentemente não é uma admissão do recalçado [*Verdrängten*]. (p. 306)

Isso tem implicações técnicas importantes, pois trata-se da maneira de o sujeito “apresentar seu ser sob o modo do não ser” (Hyppolite, citado por Safatle, 2014, p. 40). Ou seja, ao negar algo, que no fundo é um desejo seu, o sujeito estaria tentando inscrever simbolicamente aquilo que ele só pode reconhecer ao separar a aceitação intelectual da aceitação afetiva. De acordo com Freud, “negar algo no juízo significa, basicamente: isso é alguma coisa que eu preferiria recalcar. A condenação é o substituto intelectual do recalçamento; seu ‘não’ é a marca característica deste, um certificado de origem, tal como o *made in Germany*” (p. 307).

Ao final, ele relaciona a polaridade inclusão no eu ou expulsão para fora do eu ao conflito entre pulsão de vida e pulsão de morte: “a afirmação – como substituto da união – pertence a Eros; a negação – sucessora da expulsão – pertence à pulsão de destruição” (p. 309).

Nota-se de maneira muito especial nessa nova tradução a fluência e a criatividade do Freud escritor: complexo, ao mesmo tempo que instigante e belo. Suas questões adquirem dimensões clínicas, linguísticas, éticas, sociológicas, antropológicas e políticas. Com essas e outras, a nova tradução, que está saindo do forno, pretende oferecer uma nova maneira de organizar e tratar os textos de Freud e mostrar uma concatenação do seu pensamento ao longo de sua obra.

A tradução é de Maria Rita Salzano Moraes, professora do Departamento de Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), doutora em linguística pela Unicamp e mestre em linguística aplicada pela Unicamp.

Essa coleção tem a coordenação e a edição de Gilson Iannini, psicanalista, filósofo, editor, professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), doutor em filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) e mestre em psicanálise pela Universidade de Paris 8.

Também coordena a coleção Pedro Heliodoro Tavares, psicanalista, germanista, tradutor, professor da área de alemão (língua, literatura e tradução) da USP e doutor em psicanálise e psicopatologia pela Universidade de Paris 7.

O posfácio deste volume é de Antonio Teixeira, psicanalista e professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre em filosofia contemporânea pela UFMG e doutor em psicanálise pela Universidade de Paris 8.

Referências

- Peres, U. T. (2011). Uma ferida a sangrar-lhe a alma. In S. Freud, *Luto e melancolia* (M. Carone, Trad., pp. 101-137). São Paulo: Cosac Naify.
- Safatle, V. (2014). Aquele que diz “não”: sobre um modo peculiar de falar de si. In S. Freud, *A negação* (M. Carone, Trad., pp. 35-53). São Paulo: Cosac Naify.

Hang-Ly H. Ikegami Rochel
Avenida Antonio Carlos Comitre, 540, sala 105
18047-620 Sorocaba, SP
Tel.: 15 3342-4432
hang.ly@me.com